

Resenha do livro “*O gênero como ele é (e como não é)*”, de Benedito Gomes Bezerra

BEZERRA, Benedito Gomes. *O gênero como ele é (e como não é)*. São Paulo: Parábola, 2022.

Maria Ladjane dos SANTOS PEREIRA

Faculdade Conceito Educacional

ladjane_pereira@hotmail.com.



Palavras-chave: teoria de gêneros; ensino de gêneros; gêneros acadêmicos.

Keywords: : genre theory; genre teaching; academic genres.

RESENHA

Para que esta resenha possa ser lida por você, leitor deste periódico, aponto para um dos caros conceitos explorados na obra de Bezerra (2022), o *uptake*. Valho-me, portanto, da metáfora de Freadman (1994), ao considerar a chamada de submissão da revista como o lançamento da bola que deu início ao jogo. Em resposta, envio o texto que, dentro das regras do jogo, se apresenta ao público como parte do conteúdo desta edição. É nesta direção, de uma concepção de gêneros para além de definições centradas em um ou outro aspecto de natureza mais estrutural, ou composicional, que caminha a obra em destaque.

Neste livro, o autor apresenta os gêneros considerando a sua complexidade e, conseqüentemente, dá conta de explorar as relações contextuais para a compreensão desse objeto. Em seus termos, “o gênero é complexo como a linguagem é complexa, como os seres humanos que a constituem e por ela são constituídos são complexos” (p. 18).

Benedito Gomes Bezerra é doutor em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco, atua no Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS/UPE), e no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL/UNICAP). Membro do GT da Anpoll, é líder do Grupo de Pesquisa em Gêneros, Texto e Ensino (GETE), em que articula discussões sobre o tema, junto a pesquisadores e estudantes dos programas em que atua, buscando por pesquisas nacionais e internacionais que explorem, sobretudo, teoria e análise de gêneros, gêneros acadêmicos, letramentos, entre outros. Suas contribuições no campo dos estudos de gêneros têm ganhado cada vez mais destaque, não apenas em contexto nacional, pela produção de livros, a exemplo de traduções ou obras próprias, ou mesmo pela publicação de artigos em periódicos, mesas redondas e palestras.

Considero a escrita de Bezerra fluida e com a capacidade de condução do leitor – que pode ser ou não um pesquisador do tema, professor da educação básica, estudante de graduação – uma vez que, desde a introdução, apresenta a estrutura e sintetiza o que o leitor poderá encontrar em cada capítulo que, embora vistos como independentes pelo próprio autor, aparecem tão conectados, de modo que um leitor mais atento pode caminhar de um capítulo a outro, em ordens diversas, sem perder as relações que se estabelecem nas multifaces captadas nos estudos dos gêneros tomadas em cada um dos capítulos.

Diante disso, fica claro como pode ser desafiador o ato de resenhar esta obra, tão singular e completa, publicada sobre o tema no Brasil. Concordo com Ângela Dionísio quando, em sua original apresentação à

obra, afirma que “[...] nós releemos este livro” (p. 09), o que pode me trazer alguma tranquilidade, pois há sempre mais a se perceber no conteúdo deste livro.

Posso adiantar ao leitor que o objetivo desta resenha está longe de ser uma avaliação única, que consiga captar as especificidades de um escrito tão valioso que, distribuído em 216 páginas, consegue condensar múltiplas e variadas questões associadas aos gêneros. Nesse sentido, o livro se estrutura em 09 capítulos, divididos em três blocos, com três capítulos cada. No primeiro bloco, leva-se em conta a definição e o conceito de gêneros. No segundo, a discussão se dá em torno de diferentes teorias que permitem uma visão ampliada do objeto e, por fim, no terceiro bloco, a abordagem é aplicada ao ensino, por meio da apresentação de pesquisas pautadas nessa diversidade teórica.

Como tradicionalmente tem feito em seus livros e publicações, Bezerra, de forma bastante embasada e com uma sutileza na escrita, esclarece alguns equívocos conceituais que avançam acerca dos gêneros, seja no âmbito do cotidiano externo à academia, seja mesmo em algumas áreas mais gerais, dentro dela. Já na introdução, o autor explicita a que veio, ao defender a importância dos gêneros, pois para ele, “os gêneros importam” (p. 17) e, para tornar clara essa importância, ele busca, ao longo do livro, abordar “com alguma sistematicidade questões que têm sido ignoradas ou não foram suficientemente exploradas na literatura disponível em língua portuguesa” (p. 19).

No primeiro bloco, os três capítulos trazem fortes contribuições conceituais. O primeiro deles intitulado **o gênero na (ponta) da língua** amplia as discussões iniciadas na obra de 2017¹ envolvendo as noções de gênero, texto, discurso, tipologia textual, modalidades da língua e suporte. O segundo, por sua vez, homônimo ao livro, **o gênero como ele é (e como não é)**, representa uma discussão singular e bastante didática para uma definição mais completa do que são os gêneros. Nele, o autor discute nove teses que desconstróem algumas afirmativas que não contemplam o gênero nas suas multifaces e, para isso, parte do que os gêneros não são. O terceiro, intitulado **os gêneros: as metáforas pelas quais os lemos**, por sua vez, traz uma discussão acerca do que convencionamos entender a respeito destes, a partir de metáforas aplicadas as suas definições que, para o autor, são mecanismos que nos aproximam dos gêneros e, para tornar clara essa relação aos leitores, ele traz vozes de diferentes autores.

No segundo bloco, ganham evidência discussões à luz de diferentes abordagens teóricas. É o trabalho de Swales o que

¹ Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta] teóricas e conceituais, publicado pela Editora Parábola, em 2017.

marcadamente aparece no primeiro capítulo do bloco, **gênero, propósito comunicativo e comunidade discursiva**, mas como sinalizado por Dionísio na apresentação, com a qual concordo plenamente, está longe de ser “mais um texto sobre os textos de Swales”, pois Bezerra tem a capacidade de tomar conceitos já recorrentes, aparentemente consolidados na área, por um prisma único e original.

O segundo capítulo do bloco, **gênero, ação social e apreensão**, nos oferece uma visão abrangente de um conceito que revolucionou os estudos de gêneros, o de gêneros como ação social (MILLER, 1984) e, junto a isso, traz à literatura nacional o conceito de *uptake*/apreensão (FREADMAN, 1994) numa perspectiva que pode possibilitar ao leitor o entendimento da dimensão sociológica dos gêneros, tão tangenciada ou pouco abordada em outros trabalhos. Ao ler este capítulo, acredito que mesmo um leitor mais experiente sentirá a necessidade de relê-lo, como sugere Dionísio na apresentação. Isso por conta da vastidão conceitual que o capítulo abarca e pelas relações que aparecem. Ao fazer uso de uma expressão bastante popular, caberia muito bem dizer que não se trata de “mais do mesmo”. Na verdade, é bem o contrário disso. Para um leitor iniciante no tema, é possível que este capítulo possa funcionar como um vislumbre, um acender de luzes para um conceito tão caro e estruturante para as pesquisas sobre gêneros.

No último capítulo do bloco, **o gênero e os suportes da escrita**, o autor explora o suporte da escrita amparado nas discussões empreendidas há algum tempo, por Marcuschi. O capítulo concebe o livro como suporte para diversos gêneros e apresenta fundamentos histórico-culturais a fim de ilustrar a influência das implicações históricas no suporte na configuração dos gêneros. O capítulo traz à tona a importância de se considerar o suporte no estudo dos mais variados gêneros.

No terceiro e último bloco, a abordagem se volta para a aplicação dos estudos de gênero. No sétimo capítulo, o primeiro do terceiro bloco **inovação e convenção em gêneros acadêmicos**, o autor explora o princípio da inovação e da convenção, posto que, se por um lado o gênero tem uma tendência à regularidade, por outro, no entanto, é suscetível às mudanças. Entretanto, quando levamos à aplicação, só consideramos a regularidade. Para dar conta da discussão, o autor se volta aos gêneros acadêmicos, de modo a abordar o conceito de inovação numa ótica aplicada. O autor parece militar em torno da necessidade de ajudar os estudantes a se situarem nessa comunidade acadêmica, para além do estudo estrito das convenções ou regularidades, de modo que “o estudo da relação inovação e convenção possibilitaria um olhar reflexivo da universidade sobre sua própria prática no que diz respeito ao ensino dos diferentes gêneros relevantes para as comunidades acadêmicas” (p. 163). Exemplo de inovação, poderia ser a

apresentação do próprio livro, pois sua estrutura não caberia nos clássicos moldes do que se convencionou chamar apresentação de livro.

O segundo capítulo do último bloco, **gênero, ação social e ensino**, contempla a perspectiva docente, uma vez que aproxima a dimensão social do gênero ao ensino. Se considerarmos que o ensino por meio de gêneros, na maioria das vezes, fica preso à estrutura e aos aspectos mais visíveis do texto, de maneira muito distanciada da ação social, o autor, diante do dilema, traz no capítulo exemplos de estudos desenvolvidos no âmbito do ProfLetras que, do ponto de vista dele, se não resolvem a problemática, ao menos possibilitam olhar para esses desafios a fim de “valorizar experiências [...] que propiciem vez e voz a quem mais diretamente enfrenta os tais desafios: as professoras e os professores de língua portuguesa nas redes públicas estaduais e municipais” (p. 180). Para isso, apresenta três pesquisas realizadas no ensino fundamental por meio de diferentes caminhos de modo a inserir a dimensão social do gênero nas práticas de ensino.

Por fim, o último capítulo do último bloco, **gêneros acadêmicos e ensino: o artigo científico**, toma o ensino do artigo científico à luz de uma abordagem linguístico-retórica, por meio da proposta pedagógica de Devitt (2009), valendo-se de uma metáfora da física, que compreende o gênero como partícula, como onda e campo. Nele, o autor mostra o trabalho com um aspecto pouco explorado entre pesquisadores brasileiros, mas que oferece ao estudante o contato com o gênero numa perspectiva ampliada, que foge dos limitados manuais de escrita. Como leitora dos trabalhos de Amy Devitt, considero que este capítulo ilustra, de maneira singular, a proposta da autora. Diante deste capítulo, embora atenda ao prometido, fica o desejo de se ver esta abordagem aplicada à educação básica, por tratar-se de um campo em que me parece necessário ampliar possibilidades metodológicas para o ensino de/por meio de gêneros. Assim, esperemos pelos trabalhos futuros.

Em suma, se os gêneros importam – e, sim, importam –, a leitura e estudo deste livro também. Para quem? Para professores, estudantes, pesquisadores, pois parece-me raro o encontro com tantas especificidades acerca dos gêneros em um único lugar. Os estudos de gênero no Brasil têm se ampliado, mas precisamos, cada vez mais, fazer chegar essas discussões nas universidades, não somente nas “bolhas” de programas com linhas específicas, mas de forma mais abrangente, uma vez que os gêneros não são exclusivos da linguagem, como tão bem nos afirma Bazerman (2006) são “frames para ação” e tais ações extrapolam a dimensão estritamente linguística. Aos professores, a leitura deste livro proporcionará uma abertura para a vastidão de possibilidades para além do gênero como objeto de

ensino, que poderá qualificar a compreensão deste como tal, não centrado na estrutura, mas nas suas multifaces.

REFERÊNCIAS

BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola, 2017.

DEVITT, A. Teaching Critical Genre Awareness. In: BAZERMAN, C.; BONINI, A. FIGUEIREDO, D. (ed.). **Genre in a Changing World**. Fort Collins: The WAC Clearinghouse; West Lafayette: Parlor Press, 2009, p. 337-351.

FREADMAN, A. Anyone for Tennis? In: FREEDMAN, A. MEDWAY, P. (orgs.) **Genre and the New Rhetoric**. Bristol: Taylor and Francis, 1994, p. 43-66.

MILLER, C. Genre as Social Action. **Quarterly Journal of Speech**, n. 70, 1984, p. 151-167.

SANTOS PEREIRA, MARIA LADJANE DOS
RESENHA "O GÊNERO COMO ELE É (E
COMO É) ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, V. 13,
N. 2 2648, P. 167-171, MAI.-AGO./2023. DOI:
10.22168/2237-6321-22648